



Luís Rainha

18
palavras
difíceis

LISBOA:

TINTA-DA-CHINA

MMXII

índice

Acédia.....	113
Angiogénese.....	7
Antetempo.....	49
Bibliotropismo	39
Derrelicção	145
Diastrofismo.....	115
Eletroplasma.....	133
Iatrofobia	23
Interinidade	123
Intertextualidade.....	151
Jacência	13
Limbologia.....	57
Liponímia.....	105
Mnemosfera.....	91
Pirofania.....	29
Remissividade	177
Ressumação (<i>desenhos de João Fazenda</i>).....	155
Sizígia	169
Nota biográfica.....	191

© 2012, Luís Rainha
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *18 Palavras Difíceis*
Autor: Luís Rainha
Revisão: Tinta-da-china
Ilustração: © João Fazenda
Composição e capa: Tinta-da-china

1.ª Edição: Janeiro de 2012

ISBN 978-989-671-110-8
Depósito Legal n.º 339055/12

Bibliotropismo

a)

Antonomásias à desfilada, sem conta nem tino. Aquele engulho óbvio com a personagem do padre. Os advérbios de modo a pedir poda. Tudo estaria emendado logo pela manhã. Como de costume. Mas ainda lhe faltavam mais de vinte páginas para acabar de ler o romance.

Dúvida metódica: seria boa ideia sublinhar passagens no próprio livro, em vez de inscrever as críticas e sugestões apenas na memória? Parecia-lhe de alguma forma amesquinhar o *processo*, a ideia de deixar por ali indicações, como se a uma mulher-a-dias relapsa. E para quê, se fixar o pensamento nas alterações desejadas parecia bastar? Desde o primeiro dia, nenhuma deixara de aparecer impressa e seca, logo pela manhã.

A *pena* talvez fosse a chave daquela peculiar sucessão de acontecimentos. Ainda mal passara a dezena de páginas e já ele tinha começado a deplorar, a lastimar os evidentes pontos fracos da obra. A adjetivação excessiva. Alguns remendos de costuras à vista no meio do enredo. Uma ou outra figura mal desenvolvida, sem voz própria, toscos adereços para arrumar o palco aos protagonistas. Mas ainda bem que decidira levar a leitura até ao fim.

Sobressalto: em quantos tomos literários deixados a meio poderia ter já detectado o *processo*, se lhe tivesse dado tempo? Não que agora isso parecesse preocupação digna de angústias — era mais como ter descoberto em si um talento divertido embora pouco útil, como andar de monociclo, numa idade em que já são mais as habilidades que se perdem do que os truques inventados.

À noite, acompanhando o copo de água e o rádio despertador a cantarolar, o livro lá estaria na mesinha de cabeceira, no local definido ao milímetro pela rotina do ritual. Desta vez, quando voltou a arrumá-lo, mesmo antes de desligar o candeeiro, reparou melhor na capa: aquelas cores demasiado contrastantes, a sombra em redor das letras do título... pena. E mesmo o título em si era fraquito; revelador e por demais óbvio. Alguém deveria ter prestado mais atenção a esses detalhes.

Pelo menos a três amigos (a dois talvez assentasse melhor a etiqueta «conhecidos») tinha, mal lobrigara o *processo*, pedido pareceres informados e analíticos: a) um crítico literário; b) uma cientista social; c) um religioso. Outra vaga amizade, um médico anestesista, sugerira uma vivissecção para esclarecer o enigma. Ainda bem que o fizera antes de terem chegado aos digestivos. Sempre poupava um Cohiba.

I. Depois dos excessos do modernismo, depois do refluxo do pós-modernismo, só o sacrossanto autor resistia à erosão delongadamente infligida pelas exigências das massas e das modas. Talvez aquele romance representasse o ocaso da última das vacas sagradas.

Por fim, a Obra redigida pelas suas circunstâncias, de dia para dia mais longe da semente original. Um hipertexto autónomo germinando de uma infinidade de autores, livre de hierarquias e mitologias.

II. A conversa interior que constrói e atualiza a nossa inserção nas estruturas sociais terá também os seus diários próprios. Se o eu só emerge na relação entre a prática corpórea e o ambiente até agora não dialetal, este último também tenderá a produzir o seu próprio discurso; e porque não sob a forma de narrativas literárias? Era tudo uma simples manifestação do «envelope sensível» que nos dá sentido.

III. Era o que já se chamava, nos círculos teológicos, «sistema de recompensas emancipadas». A Graça Divina tinha-se tornado tão intensa e omnipresente que declarara independência, abençoando agora indivíduos ao acaso, sem qualquer motivo e em doses desordenadamente potentes. Seria de esperar que uma cornucópia de pequenos milagres se instalasse sobre as vidas pouco merecedoras de gente comum, assolando-as com surpresas benevolentes como a do seu caso. As alegrias da santidade ao virar da esquina. Dispensando décadas consagradas ao auxílio dos desvalidos ou à contemplação de desertos pouco recomendáveis. E era de aproveitar, pois esta conjuntura não duraria muito; em breve a Graça terminaria o seu processo emancipatório, ganhando ponderação e foro de Pessoa numa futura Santíssima Quaternidade.

Mais uma manhã literariamente enriquecedora. Ao folhear o livro, começou por apreciar o seu novo título, bastante mais adequado. Depois, iria ter

tempo para verificar a acalmia na praga de antonomásias e a atenuação do papel do clérigo para intensidades mais recatadas — a ponto de este ter sido despromovido a diácono. A média de três advérbios a rimar com «irritantemente» em cada página teria baixado bastante. Mais uma semana ou duas de atenta leitura crítica e a obra estaria por fim aceitável.

Talvez até muito boa.

Quando primeiro detetara, sem espaço para dúvidas, o *processo*, tudo aquilo lhe parecerá um pouco indecoroso. Efeito de décadas gastas a cultivar os mitos altaneiros da autoria e da inviolabilidade do património intelectual alheio. Que um livro obedecesse durante a noite aos reparos mudos que lhe fizera na tarde anterior fora novidade a exigir alguma adaptação. Começando pela dúvida, seguindo pelo pasmo moderado e finalizando na aceitação resignada. Mas nunca lhe passara pela ideia ficar de atalaia, noite fora, para caçar em flagrante as miudezas da mudança — não que anteviesse matilhas de duendes armados de autocolantes com infindos alfabetos em Garamond a precipitar-se sobre a sua mesinha Ikea.

Havia que respeitar os insondáveis mecanismos do mundo. Sobretudo se tudo parecia encarrilhar-se em bom sentido, com o romance cada vez mais elegante: equilibrado e lacónico na justa medida, despido dos floreios e rodruquinhos que caíam ali tão bem como um cabelo numa *vichyssoise*.

Até que chegou a última madrugada. Ele acordou logo com o palpite de que a obra estava pronta. Quase nem se surpreendeu quando detetou, em grande

destaque na capa refeita (integrando um pormenor de um bonito Klimt), o seu próprio nome.

Sentou-se junto ao telefone, de livro na mão. Os primeiros pedidos de entrevistas não tardariam. Afinal, a nota da contracapa referia agora um «rotundo sucesso crítico e de vendas». Ousaria ele até ambicionar um ou dois prémios literários?

b)

«O Kool Kid cuspiu para o chão e insultou a mãe de alguém: ele não era homem de levar desaforo para casa. Ainda acariciando a coronha do seu revólver, percebeu que a estrebalaria estava fechada. Engoliu a custo a raiva e preparou-se para sair do covil dos ladrões com os seus cavalos. Nesse momento, o criador de gado, atraído pela discussão, apareceu e perguntou o que se passava.»

Hum. Ele sente-se capaz de apostar que aquela passagem não estava ali ontem, quando pegou no livro pela última vez. Embora a estranha desconfiança se evapore minuto a minuto, fantasia incapaz de sobreviver na atmosfera saturada de fumos de churrasco do parque de campismo, ele tem razão. O que antes ali se deixara ler era parecido com «Kohlhaas praguejou sobre aquele ultraje vergonhoso e premeditado; mas, dando-se conta da sua impotência, suprimiu a raiva e, já que nenhum outro rumo surgia ao seu dispor, preparava-se para sair daquele antro de ladrões com os seus cavalos quando o castelão, atraído pela contenda, apareceu e perguntou o que se passava».

Mas o Kool Kid é companhia mais adequada para este momento do que um iracundo comerciante de cavalos algures na Europa antiga. O *cowboy* solitário, capaz de seduzir uma herdeira e intimidar um bando de facínoras com um só toque na aba do chapéu. Talvez não seja má ideia deixar-se ser um pouco como aquele herói implausível: sair da tenda durante o dia, quiçá arriscar uma ida à piscina.

Não. Hoje, a maior aventura que consegue enfrentar é abrir a entrada do seu iglu e ficar a ler, oulando quando muito um olhar fugidio para os passantes. Sobretudo para as passantes. De livro na mão, sem realmente o ler, ele passa algumas horas a servir de empecilho a uma caravana de formigas furiosas, gotas de suor ardendo-lhe nos olhos, derretendo as letras à prosa.

Só ao atirar o pequeno tomo para cima do saco-cama é que ele repara bem na sua capa: uma mulher de costas protege os seios do olhar de alguém que se adivinha por perto mas que não se deixa ver. O enorme crânio de um herbívoro mitológico dos *westerns* jaz pendurado na parede, sinalizando garridamente a presença do género — ele recorda a custo uma outra capa, com uma gravura sinistra de Dürer com cavalos ou um crânio de gente.

Indiferente, a noite chega depressa.

Ele enclausurou-se aqui para tentar repor a sua tese em andamento. O argumento do sonho original dava-lhe o papel de um novo Mahler, isolado numa cabana alpina, emergindo apenas depois de metamorfosear as suas angústias em mais uma sinfonia

esmagadora. No caso presente, sem dinheiro para recantos montanheses, o *camping* terá de bastar.

Só que, logo na primeira noite, ele descobriu uma incompatibilidade profunda entre a noção freudiana de *Nachträglichkeit* — o suposto tema do seu trabalho — e as infindas berrarias alimentadas a cerveja dos campistas instalados nos *alvéolos* à sua volta. E de dia ainda é pior: o pensamento dissolve-se numa modorra liquefeita sob o calor propiciado pela ausência de sombras — claro que devia ter pedido um lugar menos barato, um com árvores maiores do que aqueles esboços de eucaliptos, sem folhas nem utilidade. A vizinhança da piscina também não ajuda: as brisas clorinas, com traços de bronzeador barato, ultrapassam facilmente o isolamento sensorial provido pelo seu iPod, lembrando-o sem descanso de que devia ter ficado em casa. O crepúsculo serve mais para evaporar o calor que se agarrou à terra durante a soleira do que para lhe trazer algum alívio; ele sofre de novo a canícula, só que a apanha na viagem de regresso ao Sol.

Para piorar tudo, quando folheia o seu *moleskine*, vai lobrigando aparições como «a ideia de ação diferida, aplicada às vanguardas artísticas, implica a construção de feridas simbólicas que apenas se deixarão fruir por inteiro ao cicatrizarem subitamente no futuro, sob ações de outros episódios, outras feridas» — já nem se recorda bem do que quisera dizer com semelhantes arroubos líricocientíficos. Se o Kid nem se preocupa com feridas de calibre 45, fará algum sentido matutar em mazelas simbólicas?

Por fim, o tema em carne viva da namorada que lhe pediu um «tempo para pensar», fórmula ominosa que ela deve ter respigado de uma adolescência entregue aos cuidados do *primetime* típico da classe C1. Irra.

Há dois dias que aqui está. Mais horas passam: ele dorme, suado, dorido e ainda pejado de formigas, esquecendo-se de fechar a tenda para impedir um banquete de mosquitos em regime de *self-service*.

Neste momento, que podemos definir como «mediano» — mesmo a meio do *processo*, portanto — ele recorda o pavor que cada metro quadrado do parque lhe causou logo à chegada. Uma reserva de pequenos horrores canibais. A orquestra de autoclismos no WC ao lado do seu *alvéolo*, as discussões berçadas sobre um penáti no jogo decisivo (mas decisivo para quê, afinal?), alguém que vomita as imperiais da véspera. O caminho poeirento para a loja onde comprou um saco cheio de conservas, pão e 7Up. Os olhares que ele imagina cravados sobre as suas costas de bicho raro, o intelectual de férias entre piqueniques, crianças ranhosas à caça de valores mal escondidos, harpias com erros ortográficos tatuados e alamedas de sumptuosas tendas mais ou menos permanentes — ornadas de *avançados* com vasos de flores, parabólicas, redes abanando ao vento reformados por barbear. Mais um passo naquele labirinto de carne, plástico e erva seca — mais uma intimação de desgraças quase a desabar sobre ele.

Tantos sinais e afinal...

Na alvorada do terceiro dia, ele acorda e pega de novo no livro. O canto de página dobrado leva-o à

passagem onde encalhou ontem. Hum: «O detetive Mike Coll cuspiu para o chão e esbofeteou a atrevida: não era homem de voltar sozinho para casa. Ainda acariciando a coronha da sua Beretta, percebeu que o bar estava a fechar. Engoliu um último trago de *bourbon* e preparou-se para sair dali com aquele magnífico puro-sangue de saias. Naquele momento, o chulo residente do bar, atraído pela discussão, apareceu e perguntou o que se passava.»

Hora de levantar. De exterminar aquela barba sem sentido. De um longo duche frio. De, por exemplo, meter conversa com a miúda de unhas e lábios pintados de roxo que desliza ali à sua frente, erguendo pequenas nuvens de poeira, com uma saca de carvão ao colo. Ele já se imagina a partilhar um succulento courato grelhado com a ninfa do *camping*, daqueles com pelos e intrigantes vestígios de carimbos. Pensando bem, que se lixe o banho. Ergue-se e avança para a aparição de ancas estudadamente ondulantes, ruminando o que só pode ser uma abordagem infalível. Nos olhos dela, o brilho assustado mas curioso da corça ao dar-se conta da presença do carnívoro que vai convidá-la para almoçar. Nada a fazer, minha rica. O menino acordou.

c)

Este conto também já foi um pouco diferente. Este conto também já foi muito diferente. Começou por ser esboço de uma obra séria, a roçar o dramático: os dias de um escritor embrutecido pelo álcool que julga ter recuperado a antiga graça. Escreve à noite, bêbado,

e lê de manhã passagens excelentes. Reescritas, na realidade, pela sua mulher. A prosa iria glosando o absurdo da lenta mudança do livro, os dramas interiores do protagonista, rasgado entre a incredulidade e a cobiça pela obra que ia fazendo sua. Entediante e pretensioso, em suma.

Depois, tudo naufragou nesta execução indecisa e ambivalente.

Só que agora, pensando bem, ainda poderá mudar mais. Afinal, ninguém vai levar a sério um livro que se altera em obediência aos resmungos de um leitor picuinhas. Nem, pior ainda, um livro que leva a sua missão didática ao extremo do autossacrifício.

Por onde seguir? Bem, se o autor largar por uns dias o seu Barthelme e voltar a pegar no Borges, o texto nem

Antetempo

I

— Paulo Jablochkoff inventou a sua vela carbónica há menos de dois anos. Resolvendo o problema do arco voltaico de forma engenhosa: dois longos eléctrodos de carvão, separados por uma fina camada de sulfatos de cal e de barita. Finalmente, temos uma vela capaz de durar mais de uma hora: a chispa queima-a uniformemente, graças a um gerador especial que inverte o fluxo eléctrico várias vezes por segundo.

— É tão feia a vossa luz mágica. Meu Pai não me deixa espreitar os ensaios; quer que tudo seja uma surpresa. Mas mesmo daqui vê-se o clarão trémulo, como se ali ardesse um enorme archote, bruxuleante mas tão potente... Olhe como lança sombras fortes sobre cada recanto da Cidadela; e este zunido diabólico que se mete por todo o lado!

— Mas repare, Alteza, como a marcha do Progresso tem estugado o passo: as ruas de Paris nem há quatro meses têm as suas velas Jablochkoff. Neste momento, aprestam-se para iluminar os miasmas nauseabundos de Londres. Lisboa segue por fim a par do mundo civilizado! E vai assistir ao nascer de uma nova era: noites repassadas de claridade, sem

tremendos ventos. Ou terá toda a água sido sugada por aquela extensão deserta de areia cinzenta?

De repente, já tomou a decisão que antes o ame-drontava. Caminha, talvez há horas, pelo leito do Atlântico desaparecido. A chaminé da fábrica de cimento resumida a um ponto de exclamação dificilmente legível sobre a linha de fronteira da terra. Sob as suas botas, areia já seca, seixos, conchas e restos de medusas, caranguejos, pequenos peixes alaranjados. Gaivotas deambulam entre a carnagem, debicando aqui e ali, esvoaçando em espirais sem nexos, perdas na erupção daquele deserto súbito. Gritam-lhe avisos confusos. À sua frente, um arrastão de quilha embebida na areia, a pender para bombordo, redes presas à popa como um rasto de espuma congelada. A escada de corda embate ritmicamente contra o metal do casco. Nem os homens do mar quiseram esperar mais por uma maré que os levasse de volta aos labirintos de correntes onde nunca antes se tinham perdido.

Ele está lá. A quilómetros do que antes era a costa. E há algo mais. Agora. Um murmúrio, um marejar, um ronco, refulgindo do horizonte com demasiada luz.

Ele relembra-se: antes de um *tsunami*, as águas recuam sempre.

Mas regressam.

Nem avalia a tentação de correr de volta para terra firme; escuda os olhos com uma mão e perscruta as dunas breves. Agora, aguarda a ferocidade do refluxo das suas ondas. Agora.

Remissividade

ANDRADE, Alexandre, *As Não-Metamorfooses* — Ver «Quiroga»

ANGÚSTIA moderada na seleção: «Se você nunca chorou e quer fazê-lo, tenha uma criança.» Será este um final (sendo que por tempos não o foi) mesmo adequado?, 151-3

BALLARD, J.G., *Atrocity Exhibition* — ver «T-Cell»

Kingdom Come, 151-3

BARTHELME, Donald

Forty Stories, 151-3

Suave e imprevisto efeito mímico, 151-3

BLADE Runner, 17-21

BOLAÑO, Roberto, *Últimos Atardeceres en la Tierra*, 151-3

BORGES, Jorge Luis, com Adolfo Bioy Casares, *Las Doce Figuras del Mundo*, trad. Miguel Serras Pereira, Francisco Vale e Carlos Pessoa, 151-3

CALADO, Jorge, *IST* — *Augusto Alves da Silva*, 151-3

CALVINO, Italo, *La nuvola di smog/ La formica Argentina*, trad. José Colaço Barreiros, 151-3

CAVE, John, o profeta da revelação a pingar formol, 57-89

CERVILHARES, a aldeia inicial que talvez só exista por inteiro em memórias e nestes números: 40°43'53.54"N 7°20'46.73"W, 31, 13-21

CHIRICO, Giorgio de, A longa sombra de tudo o que se estende para lá do mundo, 171

Hebdomeros, 151-3

CIDADELA de Cascais. No aniversário do príncipe D. Carlos, a 28 de setembro de 1878, foi aqui tentada a primeira experiência de iluminação elétrica ao ar livre em Portugal, 49-55

CORTÁZAR, Julio, *Bestiario* — ver «Jaguar»

CUT-UP, O texto como «mosaico de citações». Páginas dos 18 livros mais recentemente lidos (6 de não-ficção), abertos ao acaso. Frases exiladas, recombinadas, justapostas, mas idemnes, 151-3

DEBUSSY, Claude, compositor, entre mil outras paisagens inesperadas, das *Images*, 18
 DELILLO, Don, *White Noise* — ver «Gladney»
 DIAS *Eléctricos*. Compilação de BD de onde fugiram algumas histórias aqui acoitadas: *Antetempo, Ressumação, Eletroplasma*.

ESTOCÁSTICA malévola, propiciando a erupção de cenários de violência, entre a presença ambígua de crianças e o olhar de uma câmara indeterminada, 151-3
 EXCISÃO de um final talvez moralista de mais: «O Sol não regressa. Ao calor das chamas de Deus, vai suceder-se o frio. À busca ardente, o torpor alívio. A morte gelada a que a nossa vontade de certezas nos condenou.» Algumas dúvidas permanecem, 37

FAZENDA, João, o mago a quem se agradece a clareza no traço e a generosidade nos atos, 155-67
 FIGUEIRA DA FOZ, a cidade de todas as vagas da infância, 93-4, 101, 169-76
 FRIED, Michael, *Why Photography Matters as Art as Never Before*, 151-3

GLADNEY, Jack e Babette. Um casal em fuga de eventos atmosféricos e medos letais. Terão passado por aqui?, 57-89
 GOLDBERG, Steven, *Bleached Faith: The Tragic Cost When Religion Is Forced into the Public Square*, 151-3
 GORKI, Maxim, *A Mãe*, trad. Egito Gonçalves, 151-3
 GUINCHO — onde mais poderia desejar a colisão com uma duna em fuga do mar para o continente?, 57-89

HESITAÇÃO no detalhe: «Ou, porque não, a prova da teoria que sugere que o tempo dos nossos instantes de morte se dilata até ao infinito: lá fora, uma carrinha com uma tonelada de explosivos deflagrara um atentado contra aquela estância de veraneio. A partir do instante da detonação, cada nanossegundo esticava-se por minutos, horas, meses. O metal, os vidros do automóvel-bomba inchando, milímetro a milímetro, fraturas que não se deixam ver a olho nu, depois rachas como linhas do destino numa mão pressagiando a carnagem que se aproxima. Daqui a um ano, as janelas do apartamento começarão a denunciar a explosão lá em baixo. A auro-

ra dos químicos em frenesim já iluminará então todo o apartamento. E o tremor das próprias paredes declarará, num advento de pavor, a iminência do seu colapso. Teriam eles assim uma quase-eternidade para o pânico, para a recusa, para todas as fases de comunhão com a catástrofe.», 110
HOUSE by the Railroad. Obra-prima de Edward Hopper, pintada em 1925. Ecos da casa que a inspirou, ainda existente na vila americana de Haverstraw, surgem em vários filmes célebres, de *Giant* a *Psycho*. 41°11'42.81"N 73°58'13.61"W, 147

INTERNET. A partir de 2004, um novo paradigma dominou as análises sobre os comportamentos *online*: a *Web 2.0*. Esta, tornada viável por tecnologias propícias à interação como o *AJAX*, desbravou um novo espaço para os cibernautas — de passivos consumidores de informação, eles terão passado a criadores e distribuidores de conteúdos. Assim, a Internet deve agora ser encarada como uma plataforma dotada de uma arquitetura de participação que gera efeitos de rede. Castells (2007) celebrou a entrada em cena deste paradigma

como sendo a «ascensão de uma nova forma de comunicação socializada: a autocomunicação em massa». Aproveitando novos recursos como a blogosfera ou as redes *P2P*, «movimentos e indivíduos rebeldes» encontrariam desta forma capacidades para confrontar instituições e propor projetos alternativos. Hindman, Tsioutsoulisiz e Johnson (2003), juntamente com alguns outros observadores, vieram arrefecer um pouco este entusiasmo, demonstrando que os novos *media* funcionam de forma bastante mais tradicional do que se pensava: o fator que denominaram «Googlearquia» (o aumento exponencial da visibilidade de *sites* que são alvos de muitos *links* exteriores) parece levar a que apenas uns poucos *sites* obtenham de facto alguma relevância, concentrando-se as audiências numa quantidade muito reduzida de pontos de interesse. Desta forma, a «autocomunicação em massa» de Castells equivaleria a uma multidão de profetas a clamar em desertos eletrónicos, vendo apenas ao longe as luzes das cidades hospitaleiras, ocupadas e geridas

pelos *happy few* do costume. Para um *MoveOn*, milhões de vozes inapelavelmente solitárias e ignoradas.

A blogosfera é o ponto de encontro atualmente mais crítico entre as linhas de clivagem entre a euforia e a disforia na paisagem da Internet, encarnando as capacidades centrífugas e emancipatórias da *Web 2.0* com todas as suas virtualidades e ameaças. Sobretudo tendo em vista a sua real influência e as suas capacidades como dúctil papel de rascunho, 23-8, 29-37

JAGUAR, a ameaça peripatética sugerida por Cortázar no seu *Bestiário*, 57-89

JOHNSON, Stephen, *Mabler, His Life & Music*, 151-3

KLEIST, Heirich von, *Michael Koblbaas*, 43-7

KRISTEVA, Julia, 177

LUA, a ilusão da, 70, 185

LUTES, Jason, *Berlin — City of Stones*, 151-3

MESSIAEN, Olivier, o ornitólogo de todos os cantos, 33, 180

METEMPSICOSE, um fragmento excedentário, talvez por já

ter sido feito e refeito vezes de mais:

«Naquela manhã, Lúcifer acordara mais cedo do que lhe era costume. (Há aqui lugar justificado para uma primeira interrupção. ‘Lúcifer’ não era, de todo, o seu verdadeiro nome; aliás, a ouvidos tridimensionais, as suas sílabas onomásticas soariam como dez choros de crianças esfomeadas, cem urros pestíferos, mil gemidos de luto. Não se trata, como compreenderão, de coisa que se possa reproduzir nesta página.) E bastante mais bem disposto: dera consigo a chilrear uma das suas canções preferidas, *Amour, oiseau d'étoile*, ao pequeno-almoço.

Qual a razão de tanto júbilo? Era chegado o dia da retribuição; a hora da vingança, da glória, da felicidade sem mácula; o momento em que Lúcifer iniciaria por fim a sua ascensão ao trono de Javé. Antever o culminar de milénios de planos e lentas manobras bastava para trazer um bonito sorriso aos seus angélicos lábios. Sim, que Lúcifer, a Luz da Manhã, sempre fora o mais belo dos Arcanjos, o favorito de Javé. Até ao dia funesto da Queda. Ele, assim como os demais

anjos, não tinha recordações muito claras da sua origem. Aproveitando-se sabiamente dessa ignorância, o autointitulado Altíssimo sempre rodeara o tema de pequenos mistérios, grandes omissões; por vezes desviava a conversa, por vezes admitia que a Sua onisciência já não era como antes. A conclusão que desejava ver germinar nas almas curiosas dos Seus anjos era por certo uma só: fora Ele a criá-los. Mas Lúcifer sempre suspeitara de que a história permanecia mal contada.

O dia da Queda; disso recordava-se ele bem. O suficiente para manter em ebulição o caldeirão da sua ira, ao longo de milénios e milénios de desterro. Aliás, já um súcubo menor se atrevera a gracejar que era o despeito luciferino a verdadeira fonte das eternas chamas do Hades (a pena automática pelo dichote fora o exílio na Terra. Mas o excomungado até nem se dera mal de todo por lá, mesmo não sendo particularmente esperto; pouco antes, escrevera a Lúcifer anunciando-lhe que fora eleito para um segundo mandato como líder da nação mais poderosa da bola de lama dos homens).

A Guerra dos Anjos acabara por provar que o poder das Legiões Celestes era muito mais do que uma emanção da Essência de Javé. Este perdera as primeiras batalhas. E o destino final da contenda mantivera-se incerto durante séculos; o Criador acabou por ganhar, mas a primeira baixa fora a sua onnipotência incontestada. Talvez por isso o castigo para os derrotados tivesse sido tão rápido e inapelável; o pecado fora muito mais grave que a mera rebelião: envergonhar publicamente Javé, de súbito despromovido à categoria de Ser já-não-tão-onnipotente. Mas, agora, os pormenores agonizantes da derrota, os erros táticos em refregas decisivas, a escolha pouco acertada de lugares-tenentes, nada disso interessava a Lúcifer.

Ele preparou-se para o ritual da Passagem. Em breve, toda a humanidade iria conhecer o seu novo suserano; e ai de quem não se ajoelhasse de imediato face à sua implacável magnificência.

Pobre Divindade; ver-se-ia obrigada a descobrir outro brinquedo com que ocupar os séculos de tédio. Lúcifer riu em silêncio antes de enunciar

o encantamento para escancarar as portas que Javé cerrara, supostamente *ad infinitum*. O portão de entrada na Terra. O plano de Lúcifer soubera ser simples e paciente, como todas as maquinações que ousam cortejar as graças do destino e esconder-se dos olhos Daquele que tudo vê. Em primeiríssimo lugar, ele enviara para a Terra um dos seus favoritos, anjo caído de língua aveludada e poderes consideráveis. O emissário pudera contar com os cúmplices do costume: a cobiça e a ignorância das criaturas que ali chafurdavam. E, sobretudo, com a sua vontade de acreditar em tudo o que lhes promettesse poder e vida eterna. Os prodígios, que garantiam sempre olhos esbugalhados e juras de obediência sincera, sucederam-se, embora com a parcimónia que o sigilo da missão tornava indispensável. Tal pirotecnia de feitos sobrenaturais, embrulhada em cantadas tapeçarias de sedução, rezas e promessas, revelara-se, como previsto, isco por demais apetitoso para os indígenas. Devagar, o número de conjurados humanos crescerá; primeiro em palácios atape-

tados a seda, derramando-se logo depois por ruas juncadas de pedintes e destroços de pragas várias.

Javé dera certamente pelo alastrar da tramoia, por muito clandestino que o seu avanço lograsse ser; mas tomara-a por apenas mais um sobressalto, mais uma pirueta inesperada e divertida dos seus animais de estimação turbulentos e tão criativos. Isso mereceria curiosidade risonha, nunca apreensão ou escrutínio mais atento. Erro fatal. Lúcifer aguardava apenas que o número dos seus fiéis fosse o bastante — e que a sua devoção ganhasse a força necessária para quebrar os selos com que Javé cortara o trânsito para a Terra.

É chegado o momento. Ele sabe que os servos mais denodados estão reunidos num palácio em pedra, desenhado de acordo com fórmulas exatas e poderosas. Todos vestem as opas cerimoniais que há milhares de anos foram preceituadas para esta ocasião. O escolhido para albergar a força vital do seu Mestre já aquiesceu ao destino; também ele anseia pela sua hora de glória. Lá fora,

a turba agita-se e junta a sua vontade ao rio de energia espiritual que vai reabrir o pórtico entre esferas.

Nada se afasta das maquinações de Lúcifer.

Antes de avançar, ele ainda gargalha ao contemplar o vigor com que os pobres bichos humanos se entregam à causa que os vai perder, escaqueirando a sua penosa história, apagando a lembrança de todos os seus esforços.

Agora. Ele está na Terra. Por fim. Em seu redor, todos se ajoelham. Um dos seus seguidores, enfarpelado no traje prescrito, avança, olhos pregados ao chão e coroa pronta a colocar na cabeça daquele que agora é o seu Monarca absoluto. Surge a pergunta do Ritual '*Acceptasne electionem de te canofice factam in Summum Pontificem?*' Lúcifer não hesita na resposta: 'Sumo Pontífice? Não estamos aqui para outra coisa, rapazes!', 176?

MOBY DICK, a evocação inevitável no meio do naufrágio, 68

NAME DROPPING, hábito similar ao *bird dropping*, mas com mais estilo, 33, 43-5, 60, 82, 95, 99, 127-8, 147, 171, 186

OuLiPo, o texto constrangido e manietado, mostrando na libertação a destreza de um Houdini lexical. Tautogramas, palíndromos, lipogramas, anagramas, 105-11

PAVESE, Cesare, *La Spiaggia*, 95
PICASSO, Pablo, o inventor maior do ano de 1907, 18

PLAINS MAN, *The*, o filme de Cecil B. DeMille em exibição no cinema *Rex* aquando da sua aniquilação por um foguete V2, 79

POE, Edgar Allan, *The Fall of The House of Usher*, in *Tales of Mystery and Imagination*, 50, 83

PUZZLE, com quatro peças supranumerárias: «Que há de errado comigo? Porque não sou eu uma pessoa mais natural, como a minha mulher quer que eu seja?», «Uma vez mais, a resposta jaz nas noções de distância e de corte», «todas as interpretações não passam de mentiras», «É ominoso de ver e de ouvir», 151-3

PYNCHON, Thomas, *Gravity's Rainbow* — ver «Slothrop»

QUANTA, unidades discretas indivisíveis, que se repetem e ecoam, sejam reminiscências de sonhos, cataclismos naturais ou guerras sem regresso, 16, 109-10, 176, 185

QUIROGA, Alcuino, A Soberba Figura, o anti-Quixote, 88

RAVIGNEAUX, Pol, inventor que patenteou, em 1907, o limpa para-brisas, 18

RIGOR histórico, seja a propósito de um monarca assassinado ou de dirigíveis-fantasma. A realidade é estranha q.b.; um elemento inventado basta para

a iluminar com uma outra clareza, 49-55, 133-43

ROXY MUSIC — *If it Takes all Night*, do álbum *Country Life*, 69

SEBALD, W.G.,

Austerlitz, trad. Telma Costa, 21
Logis in einem Landhaus, trad.

Telma Costa, 151-3

SHAKESPEARE, Hamnet (1585-1596), 100

SHAKESPEARE, William

King Richard II, 99

The Life and Death of King John, 100

SLOTHROP, Tytone — «*it's an evil game... You play because you have nothing better to do.*» No fim, a dissolução em fragmentos autónomos. Um pode ter aterrado nestas coordenadas: 57-89

T-CELL, de acordo com Roger Luckhurst, o colectivo dos protagonistas (Traven, Talbot,

Tallis, Trabert, Travis, Talbert, Travers) de *The Atrocity Exhibition*, terminalmente incapazes de manter uma identidade estável, 57-89

TRUNCAGEM renitente: «Sempre o medonho *business as usual*», 100

UBIQUAÇÃO, consequência de um certo excesso de zelo autobiográfico: «Quase oito horas. Aproximava-se o momento de ligação. Ele já nem fazia por disfarçar o arrepio de vergonha ao sair do apartamento: sentia-se um pouco ridículo quando cumpria aquele ritual que pouco a pouco se solidificara na sua rotina diária. Aliás, já perdera de vista o propósito real de tais escapadelas a horas certas; era raro conseguir distinguir frases ou sentidos ao alcance do seu limitado castelhano. Na semana anterior, tomara nota de mais uma ameaça de guerra algures no Próximo Oriente, de uma greve complicada em estaleiros na Galiza, do assassinato de um senador americano que ainda não identificara. E pouco mais. O mundo derreteria-se assim, por obra do afastamento e de mediações imperfeitas, num *puzzle* danificado e incomple-

to que apenas por teimosia ou falta de ocupação outra teimava em tentar resolver. Mas ele já sonhara com o panorama mediterrânico da praia de Matalanta: numa noite clara, o seu céu sulcado por sonhadores aviões quase sem asas, lentos, voando orgulhosamente desprovidos de pilotos, comandados apenas por desejos de destruição inapeláveis, por instintos eletrónicos de coisas mecânicas, cegas, más. Ao longe, os clarões do cataclismo nuclear iluminavam os pontos cardeais onde ele adivinhava outras cidades, outros continentes.

A partir dessa noite, o presságio de morte global — um desastre que nem o ameaçava pessoalmente, apenas prometia explicação terrível para o seu isolamento naquela cidade deserta — não mais o abandonou. Em momentos inopinados, a propósito de um não-acontecimento sem relevo, deslizaria sob a sua pele o calafrio da sombra da desgraça. Agora, à laia de escujo, ele tentava todas as noites decifrar alguns gramas de notícias do mundo, apenas o suficiente para o reconfortar, mantendo longe de si os sonhos de Armagedão. Mo-

mentos antes, ele subira ao terraço e recebera uma luminosa ameaça: a Lua Cheia planando rente ao horizonte. Enorme, avermelhada, gigante apoplético prestes a despenhar-se no mar. (Ali, no poço sobre o jardim central do condomínio, o colosso só se deixava adivinhar pela clareza com que contaminava alguns cirros que preguiçavam, indiferentes às brisas. Tanto melhor.) Ele sabia que aquela Lua inchada não passava de uma ilusão de ótica, de um desarranjo das suas percepções: se a fotografasse, o resultado seria a deceção de um satélite banalmente distante e minúsculo. Mas era ilusão magnífica. Os mares, as crateras, todas as feições da desolada geografia lunar, mais, muito mais próximas da Terra, prontas para um beijo de morte. Ou talvez fosse ao contrário: por segundos, permitiu-se imaginar que toda a cidade se aproximara da Lua enquanto ele dormitara, erguida centímetro a centímetro pelas portentosas marés das placas tectónicas. (Perto dos limites da troposfera, o ar saberia a veneno esparso e perigoso.)

Ao caminhar pelo corredor suspenso, atravessando o desfiladeiro para a ala B, ele olhou para baixo, em desafio à vertigem que já sabia encontrar ali. O arquiteto do condomínio por certo conhecia bem o mundo desorientado de Escher. A perspectiva descendente da coluna do elevador, eriçada de raios com corredores, dava-lhe sempre a impressão de estar no interior de uma gigantesca turbina. Aliás, o edifício poderia bem ser um deselegante aparelho voador, aguardando que os passageiros mais distraídos regressassem das suas compras de última hora. Depois, iria alçar voo de regresso a pistas mais hospitaleiras, a itinerários mais populares.

Outra vez a vertigem. Mais forte que nunca. Seria o seu organismo a responder à dieta de enlatados, o cérebro a queixar-se da falta de algum nutriente fundamental? (Ondas de neurotransmissores em fluxos e refluxos envenenados, dando à luz alucinações sem controlo.)

Reprimindo o assomo do vómito, ele apressou-se. A luz do apartamento 403 já se ligara, seguindo os ditames precisos

do temporizador elétrico; em breve, o televisor começaria a fazer-se ouvir. Cedendo à tonitura, ele ajoelhou-se e colou a orelha direita ao aço húmido e tépido da porta blindada. Fosse outra a sua disposição e esta postura não deixaria de lhe causar um sorriso: um crente em genuflexão respeitosa no altar da sua divindade eletrónica, mendigando a graça de um bom augúrio. Mas a realidade era ainda mais infeliz. Ele não passava de um náufrago agarado ao cabo salvador mais miserável: um ingénuo esquema para iludir ladrões, acionando a horas pré-programadas luzes e eletrodomésticos ruidosos. Era disto que ele dependia para se manter debilmente ligado ao mundo.

Sôfrego, suspendeu a respiração e aguardou os primeiros sinais de vida do televisor.»

Os dias de Matalanta encerram perigos inesperados, 88

VALLANCE, B., *The New Humans*, in *The Mammoth Book of Extreme Science Fiction*, 151-3

VIDAL, Gore,

Julian, 151-3

Point to Point Navigation, 151-3

Messiah — ver «Cave»

VILARINHO DAS FURNAS, aldeia submersa em 1971, com ocasionais peregrinações à superfície, 155-67

WALLACE, David Foster, *Oblivion*, 151-3

WAUGH, Evelyn, *Brideshead Revisited*, 64

*Obrigado ao Miguel, ao Pedro, à Bárbara
e à Inês, por terem salvo este livro.
E à Maria, ao João, ao Francisco e à Sílvia,
por me salvarem, todos os dias.*

Luís Rainha nasceu em 1962. Estudou primeiro engenharia civil e depois sociologia. Hoje é diretor criativo da agência publicitária Laranja Mecânica.

Foi coautor do programa *Filhos da Nação*, da SIC. Ao longo dos anos, participou em vários blogues: «Blogue de Esquerda», «Aspirina B», «5 Dias», «Vias de Facto».

Escreveu as ficções do livro *Noites de Lisboa* e, sob pseudónimos, as obras de ficção *Últimas Palavras* (contos) e *O Último Segredo de Fátima* (romance). Entre outras incursões na BD e na animação, foi argumentista dos livros *O Futuro tem 100 Anos* e *Dias Eléctricos*.

Colaborou com os semanários *Já!* e *Tal & Qual*, escrevendo hoje semanalmente no jornal *i*.

Este livro foi escrito entre 2004 e 2011, tendo recebido uma menção honrosa no VIII Prémio Nacional de Conto Manuel da Fonseca.

18 palavras difíceis

foi composto em caracteres Hoefler
Text e impresso pela Offsetmais, Artes
Gráficas SA, sobre papel Coral Book de
90 gramas, em Janeiro de 2012.